

Joseli Maria Silva • Marcio Jose Ornat • Alides Baptista Chimin Junior  
*Organizadores*

# DIÁLOGOS IBERO-LATINO-AMERICANOS SOBRE GEOGRAFIAS FEMINISTAS E DAS SEXUALIDADES



TODAPALAVRA  
editora

© 2017 Todapalavra Editora

REVISÃO E SUPERVISÃO EDITORIAL

Hein Leonard Bowles

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Dyego Marçal

IMAGEM DA CAPA

Elisa Riemer do Nascimento

Ficha Catalográfica Elaborada por Seção de Tratamento da Informação – BICEN/UEPG

D536	Diálogos ibero-latino-americanos sobre geografias feministas e das sexualidades/ organizado por Joseli Maria Silva; Marcio Jose Ornat e Alides Baptista Chimin Junior. Ponta Grossa: Todapalavra, 2017. 280 p. : il.  ISBN: 978-85-62450-48-8  1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Geografia feminista. 4. Geografia crítica. 5. Homossexualidade. 6. Marginalização. I. Silva, Joseli Maria (org.). II. Ornat, Marcio Jose (org.). III. Chimin Junior, Alides Baptista (org.). IV.T.  CDD: 305.42
------	---

Depósito legal na Biblioteca Nacional

ISBN: 978-85-62450-48-8

**Todapalavra Editora**

Rua Xavier de Souza, 599

Ponta Grossa – Paraná – 84030-090

Telefones: (42) 3226-2569 / (42) 98424-3225

E-mail: [todapalavraeditora@todapalavraeditora.com.br](mailto:todapalavraeditora@todapalavraeditora.com.br)

Site: [www.todapalavraeditora.com.br](http://www.todapalavraeditora.com.br)

*Para a geógrafa Rosa Ester Rossini,  
pela inspiração, coragem e eterna luta!*

## SUMÁRIO

<b>Prefácio</b>	<b>9</b>
<i>Kath Browne</i>	
<b>Geografias feministas e pensamento decolonial: a potência de um diálogo</b>	<b>11</b>
<i>Joseli Maria Silva, Marcio Jose Ornat e Alides Baptista Chimin Junior</i>	
<b>Abordagens corporizadas: género, sexualidades e tecnologias</b>	<b>31</b>
<i>Maria João Silva e Eduarda Ferreira</i>	
<b>Heteronormatividade y poder adulto: visibilizando restricciones de acceso a la ciudad desde una perspectiva interseccional</b>	<b>45</b>
<i>Maria Rodó-de-Zárate e Mireia Baylina Ferré</i>	
<b>As trans-formações dos corpos travestis e o espaço escolar: uma leitura que não cabe no masculino e feminino</b>	<b>67</b>
<i>Ana Carolina Santos Barbosa</i>	
<b>A produção de representações para o regramento das (homo)sexualidades e as contradições inerentes ao reconhecimento dos processos de marginalização social</b>	<b>83</b>
<i>Benhur Pinós da Costa</i>	
<b>A ‘puta que pariu’: a desconstrução da dualidade entre sexualidades transgressoras e maternagens na instituição dos espaços de prostituição feminina</b>	<b>111</b>
<i>Juliana Przybysz e Joseli Maria Silva</i>	
<b>Etapa vital, clase social y estrategias de mujeres jóvenes universitarias frente a la crisis en Cataluña</b>	<b>129</b>
<i>Anna Ortiz Guitart e Maria Rodó-de-Zárate</i>	

- 151 **Escritas e inscrições de geógrafas negras**  
*Lorena Francisco de Souza e Alex Ratts*
- 167 **Territorialização das políticas públicas de  
igualdade de género em Portugal**  
*Margarida Queirós, Júlia Guerreiro e João Paiva*
- 177 **Violencia de género, circuitos espaciales  
y micromachismos**  
*Diana Lan*
- 191 **Violencia política: una exploración desde  
la geografía feminista**  
*María Verónica Ibarra García*
- 211 **O trabalho feminino na indústria naval em  
Rio Grande (RS): a reprodução do machismo**  
*Susana Maria Veleda da Silva e Ana Cristina Fabres*
- 239 **Ancestralidade feminina e poder: experiências  
de mulheres da Amazônia**  
*Maria das Graças Silva Nascimento Silva, Ádria Fabíola  
Pinheiro de Sousa, Elenice Duran Silva, Suzanna Dourado da  
Silva e Tainá Trindade Pinheiro*
- 255 **Jornada através da geografia crítica: da  
geografia agrária à geografia de género**  
*María Dolors García-Ramón*
- 271 **Sobre as autorias**

## PREFÁCIO

Cada vez que Joseli me fala desse projeto (Rede de Estudos de Geografia, Gênero e Sexualidades Ibero-Latino-Americana) eu não apenas me sinto animada, mas sim inspirada. Este livro não é diferente. O trabalho que ela e outros têm feito sobre as geografias das sexualidades e gêneros destaca-se no mundo todo. A falta de reconhecimento a esse trabalho demonstra as relações de poder existentes e que são exatamente abordadas nesta obra.

Este livro organizado por Joseli Maria Silva, Marcio Jose Ornat e Alides Baptista Chimin Junior é um marco importante nas histórias das geografias das sexualidades e gêneros. Ele representa um momento em que essa subdisciplina está amadurecendo e trazendo sua contribuição, contestando aqueles que não entendem esse trabalho como 'geografia' e contrariando aqueles que falharam em reconhecer a importância do trabalho além do cânone anglo-americano. Fico honrada em ter sido convidada a escrever este prefácio e espero que aqueles que mergulharem nas páginas de *Diálogos Ibero-Latino-Americanos sobre Geografias Feministas e das Sexualidades* se sintam entusiasmados, mas, mais do que isso, motivados a levar esse trabalho adiante.

*Diálogos Ibero-Latino-Americanos sobre Geografias Feministas e das Sexualidades* é uma coleção de textos inovadores que congrega autores que têm um propósito comum, mas também traz histórias de colonialismo e relações de poder hierárquicas que criam diferenças. Abordando as complexidades das solidariedades, marginalizações e privilégios, cada capítulo explora feminismos, sexualidades e poder de formas que desafiam as fronteiras dos conhecimentos em relação ao que é geografia, como as sexualidades são manifestadas e quais são as formas em que os feminismos, e especificamente as críticas aos patriarcados hétero e homo, continuam a ser necessários para criar mundos socialmente justos.

Só posso falar a partir do meu próprio lugar, que é a hegemonia branca anglo-americana. Leio o livro a partir dele e, ao fazê-lo, quero sugerir que a dominação das hegemonias e epistemologias anglo-americanas nas geografias das sexualidades e nas identidades de gênero é desafiada por essa coleção. Ela amplia nossos conhecimentos e apresenta saltos teóricos muito importantes. Talvez isso não signifique falar para 'nós' (pesquisadores anglo-americanos), e o fato de ser publica-

do em português/espanhol faz com que essa obra encontre mais dificuldades para ser ouvida. Mas nós precisamos trabalhar para ouvir, porque é nesse trabalho que podemos nos engajar em um esforço transnacional que leve ao desenvolvimento da subdisciplina das geografias das sexualidades de uma forma nova e inspiradora.

*Kath Browne*  
Professor of Human Geography  
University of Brighton

# ABORDAGENS CORPORIZADAS: GÊNERO, SEXUALIDADES E TECNOLOGIAS

*Maria João Silva  
Eduarda Ferreira*

O corpo é biológico e social (LOW, 2003), é o teatro das emoções (DAMÁSIO, 1999). Os nossos sentidos, e todo o nosso corpo, estão envolvidos em tudo o que vemos, sentimos, pensamos e fazemos (WOODYER, 2008). A corporização é um “campo metodológico indeterminado, definido pela experiência percetiva e modos de presença e envolvimento no mundo” (CSORDAS, 1994, p. 12). O espaço corporizado é o local onde a experiência humana e a consciência assumem forma material e espacial (LOW, 2003). O espaço ocupado pelo corpo, e a perceção e a experiência desse espaço, contrai e expande em relação com as emoções e estado de espírito, o sentimento de si, as relações sociais, e as predisposições culturais (LOW, 2003).

Nós nunca nos experienciamos ou conhecemos como um corpo puro e simples, porque nunca conhecemos o nosso sexo fora dos limites da sua expressão como género (BUTLER, 1986). O corpo é sexuado e genderizado (BUTLER, 1986), assim como a nossa experiência e consciência, pelo que o espaço corporizado também se torna sexuado e genderizado.

A inter-relação entre o espacial e o social concretiza-se nas micro-geografias da vida do dia-a-dia, como o espaço corporizado é modificado e produzido nas inter-relações com as estruturas sociais. Certeau (1984) enfatiza a importância das práticas do dia-a-dia ao considerar que o espaço é produzido pela experiência dinâmica e subjetiva de um lugar, e que é criado pelas escolhas dos indivíduos ao moverem-se através dele e ao interagirem entre si. Nas palavras de Michel de Certeau (1984, p. 117): “o espaço é um lugar praticado” ao que nós acrescentamos ‘o espaço é um lugar corporizado’.

A casa, a escola e as relações entre estes dois espaços, em conjunto com as regulações sociais dos mesmos, têm uma importância central na forma como as crianças e os jovens vivem e constroem os



seus corpos (ANSELL, 2009; HARDEN, 2012; VALENTINE, 2003). Uma aprendizagem é sempre situada, porque “quem conhece” é sempre um corpo, não obstante as múltiplas tentativas dos sistemas culturais, científicos e educativos para retirar ou ocultar o corpo nos processos de conhecimento (IHDE, 2002).

Neste capítulo apresentamos o enquadramento teórico de diversos projetos que utilizaram abordagens corporizadas de investigação. Começamos por falar da psicofisiologia das emoções e na sua mediação e articulação sócio espacial, no contexto de um projeto de mapeamento corporizado e colaborativo de emoções de mulheres lésbicas e bissexuais no espaço público. De seguida abordamos as TIC como mediadores epistémicos da aprendizagem corporizada no espaço escola com base em projetos que utilizaram os sensores eletrónicos como extensões dos sentidos e em que o corpo se tornou um lugar de compreensão, explicação e agência no ambiente, explorando a possibilidade de se ir além da genderização na utilização das tecnologias. Problematizamos as identidades sexuais e as performances de género ao refletir sobre como uma abordagem corporizada aos temas sexo, sexualidade e género no espaço escola, que promova a inclusão, contribuindo para ultrapassar desigualdades, discriminações e agressões, implica *queerizar*, incluir e valorizar, como diversidade, as diferenças/transgressões ao binarismo de sexo e género e à heteronormatividade. Finalizamos com uma análise transversal aos diferentes projetos e reflexões apresentadas, tendo como linha condutora a importância das abordagens corporizadas na investigação e na intervenção em educação.

## MAPEAMENTO CORPORIZADO E COLABORATIVO DE EMOÇÕES NO ESPAÇO PÚBLICO

As emoções não são só um estado mental subjetivo inteiramente interiorizado mas têm de ser compreendidas na sua mediação e articulação sócio espacial (DAVIDSON et al., 2005). O mapeamento de emoções possibilita uma nova forma de pensar e explorar a relação existente entre espaço e lugar. As representações que temos dos espaços estão relacionadas com as perceções, interpretações e expectati-

vas que temos relativamente a determinada configuração topológica e social e revelam como somos “afetados” pelos espaços onde nos situamos. Estas representações, se registadas em mapas colaborativos, permitem que as pessoas partilhem as suas práticas e experiências diárias evidenciando como o espaço é um produto social baseado no conhecimento corporizado de cada indivíduo.

O mapeamento colaborativo produzido a partir dessas representações pode revelar padrões individuais, bem como coletivos, de percepções e interpretações em relação ao mesmo espaço. O ter de decidir sobre o que registar no mapa colaborativo e como o fazer, não só estimula a reflexão sobre as experiências pessoais, mas também incentiva a reflexão sobre as experiências de outras pessoas, que podem, por sua vez, influenciar a própria ação de quem está a participar na construção do mapa colaborativo (GIACCARDI e FOGLI, 2008).

O Projeto Bio Mapping de Christian Nold (2009) é particularmente relevante para percebermos a potencialidade da inter-relação de dados biométricos, emoções e mapeamento colaborativo. O projeto Bio Mapping produziu visualizações de emoções e reações das pessoas ao espaço onde circulavam com base em dados biométricos georeferenciados e na interpretação que as/os participantes davam aos seus próprios registos biométricos captados por sensores de ritmo cardíaco em função da sua georeferenciação (NOLD, 2009). Este projeto Bio Mapping está em linha com as ideias avançadas por António Damásio (1999, 2010) que define as emoções como respostas corporais, muitas das quais podem ser observáveis, mas que não são necessariamente conscientes para a própria pessoa. Uma emoção é um processo complexo de respostas fisiológicas, químicas, neuronais ou musculares, como por exemplo o acelerar do batimento cardíaco, a tensão muscular, etc. Estas respostas – a um objeto ou acontecimento que desencadeia a emoção – são automáticas e encaixam-se nos repertórios de ação determinados pela evolução da espécie assim como outros adquiridos pela experiência individual. O resultado imediato destas respostas é uma alteração temporária do estado do corpo e do estado das estruturas cerebrais que mapeiam o corpo e suportam o pensamento (DAMÁSIO, 2010). Os sentimentos são as representações mentais das respostas fisiológicas, das emoções; os sentimentos são percepções inscritas nos mapas cerebrais a que atribuímos significados em função do contexto e experiências pessoais anteriores (DAMÁSIO, 2010).

A abordagem de Damásio às emoções relaciona-se com as ideias avançadas já em 1890 pelo psicólogo William James (1890), que

afirmava que a emoção começa por reações fisiológicas e comportamentais a determinado estímulo, e que a consciência da emoção dá-se quando tomamos consciência dessas respostas fisiológicas. Por outras palavras, nós não sorrimos porque estamos alegres, mas estamos alegres porque sorrimos, sentimo-nos tristes porque choramos, ou sentimos medo porque trememos. Esta abordagem contradiz o senso comum que considera que a reação a um estímulo emocional (aumento do batimento do coração ou a expressão de um sorriso) ocorre após a pessoa tomar consciência da emoção que está a sentir.

Estas abordagens teóricas das emoções fornecem uma base abrangente para explorar práticas corporizadas e emoções em termos de sua mediação e articulação sócio espacial. Como é que o corpo reage ao espaço circundante e quais os significados / interpretações associados a essas ações / reações?

Uma investigação que se baseou nesta abordagem corporizada às emoções foi 'Sentindo a Paisagem' (FERREIRA e SALVADOR, 2012; FERREIRA e SILVA, 2013; FERREIRA e SALVADOR, 2015; FERREIRA, 2013), que teve como objetivo identificar as dimensões significativas de espaço e lugares que se relacionam com as identidades sociais das mulheres lésbicas e bissexuais (nomeadamente no que respeita a emoções, representações e comportamentos) através de mapas colaborativos baseados em dados fisiológicos, emoções, experiências pessoais e representações (GIACCARDI e FOGLI, 2008; NOLD, 2009). Nesta investigação 'Sentindo a Paisagem' o foco foram as emoções numa perspetiva corporizada em que se teve em consideração as reações fisiológicas das participantes aos espaços públicos onde circulavam e a interpretação que as mesmas davam a essas mesmas reações. Neste contexto, seria de esperar que os avanços teóricos e metodológicos na área emergente das geografias emocionais fossem explorados. No entanto, a investigadora deparou-se com um dilema ao abordar o conceito de emoção.

Embora na área científica da geografia e, particularmente, no campo emergente das geografias emocionais, exista uma abordagem ampla e diversificada aos conceitos de emoção e afeto, em geral não têm em consideração os aspetos psicofisiológicos das emoções ou quando os incorpora nas suas análises não se baseia em literatura científica atualizada da área da psicofisiologia. Um exemplo de teórico na área da geografia que tem abordado as questões das emoções e afetos é Nigel Thrift, que tem realizado um trabalho notável com a teoria não-representacional, que utiliza a biologia como uma das bases fundamentais nas suas conceções teóricas e se refere a fenóme-

nos semiconscientes e a uma série de automatismos fisiológicos para explicar o que é o afeto. Seria de esperar que este tipo de abordagem integrasse o conhecimento de outras áreas científicas relacionadas com a psicofisiologia do corpo. É interessante notar que Thrift (2008) cita brevemente Damásio, mas não integra as diferentes formas de compreender as emoções e afetos, utilizando mesmo conceitos que se podem considerar opostos. Por exemplo, Thrift (2008) identifica como emoções a consciência que se tem dos afetos, e os afetos define-os ao nível dos automatismos fisiológicos. Exatamente o oposto do que é proposto por Damásio (2010), que estuda o funcionamento do cérebro e da psicofisiologia do corpo humano. Russell e Barrett (2009), no editorial do primeiro número da revista 'Emotion Review', refletem sobre o fato de as/os investigadoras/es de diferentes origens nacionais e culturais, de diferentes áreas científicas e com diferentes pontos de vista, nem sempre trabalharem no sentido de desenvolverem uma linguagem comum para que seja possível comunicarem entre si ideias e investigações académicas e integrarem perspetivas que são diferentes das suas.

A investigação 'Sentindo a Paisagem' ao adotar uma abordagem corporizada às emoções baseou a sua conceção metodológica na perspetiva psicofisiológica das emoções proposta por António Damásio (2010) e nas investigações sobre geografias afetivas (GIACCARDI e FOGLI, 2008) e mapeamento emocional colaborativo (NOLD, 2009).

Os resultados do projeto de investigação 'Sentindo a Paisagem' apresentaram indicadores que suportam a utilização desta abordagem corporizada para explorar as inter-relações entre as emoções e o contexto sócio espacial. Os resultados sugerem que tornar visível informação georeferenciada dos estados corporais das pessoas e desafiar-las a refletir sobre o que pode ter causado essas reações corporais, é um método com potencialidades para explorar a forma como as pessoas reagem aos espaços públicos onde circulam. Através deste método podemos entender melhor que aspetos dos espaços públicos têm impacto positivo ou negativo nas suas representações. A abordagem corporizada das emoções utilizada em 'Sentindo a Paisagem' permite explorar de que forma o espaço afeta (no sentido de ter um efeito) as pessoas, e pode contribuir para criar uma forma diferente de mapeamento, tornando visíveis as interações entre espaço e identidades, incluindo nos mapas as emoções e perceções das pessoas, e produzindo mapas que representam as relações de grupos específicos de pessoas com os espaços públicos.

## AS TIC COMO MEDIADORES EPISTÉMICOS DA APRENDIZAGEM CORPORIZADA DO ESPAÇO ESCOLA: MAIS ALÉM DA GENDERIZAÇÃO

Na escola, tanto em Portugal, como internacionalmente, a dimensão cognitiva tem precedência sobre a emocional e a física (COLLS e HÖRSCHELMANN, 2009; ANSELL, 2009), continuando o corpo a não ter uma materialidade sensorial e visceral (ANSELL, 2009). Verifica-se um movimento para se educar através do corpo, para as ‘competências de vida’, tendo em consideração os elementos interpessoais e psicossociais de subjetividade. Qualquer conceção educativa deve privilegiar o conhecimento e a experimentação do corpo (PINTO et al., 2010), sendo necessária uma integração holística dos corpos e da complexidade dos espaços que os constroem e que por eles são construídos (VALENTINE, 2003). No entanto, o currículo reproduz ainda “um corpo aprendente normativo propenso ao controlo e proteção e à aprendizagem cognitiva e não corporizada” (COLLS e HÖRSCHELMANN, 2009, p. 4).

As tecnologias pessoais ubíquas (como os telemóveis e os sensores eletrónicos), devido às suas capacidades espaciais, flexíveis e móveis, podem ter diversos e relevantes impactes nas geografias da infância (JONES et al., 2003), porque influenciam e expandem a informação ambiental multissensorial adquirida pelas crianças, nomeadamente a informação visual, auditiva, olfativa, gustativa e somatosensorial, designadamente a adquirida pelos sentidos tato, muscular, de temperatura, de dor, visceral e vestibular (DAMÁSIO, 1999). Desta forma, as tecnologias pessoais ubíquas contribuem para o importante papel que a exploração sensorial dos ambientes quotidianos deve desempenhar em educação (SILVA, LOPES et al., 2010).

Os sensores eletrónicos, integrados em diversos tipos de dispositivos móveis, nomeadamente telemóveis, têm sido utilizados em projetos educativos, para explorar diferentes dimensões sensoriais (como sons, imagens, temperatura e humidade) dos espaços quotidianos das crianças, desde os espaços da escola, aos ambientes naturais e urbanos circundantes (SILVA, LOPES et al., 2010; ROGERS et al., 2010; PROBOSCIS, 2006).

Nos referidos projetos, os sensores eletrónicos foram usados como extensões dos sentidos (SILVA et al., 2013) e o corpo tornou-se um lugar de compreensão, explicação e agência no ambiente. As crianças exploraram o ambiente, na procura das melhores condições (localização, ponto de vista, ponto de escuta...) para adquirir infor-

mação ambiental com os sentidos e os sensores. A comparação da informação adquirida pelos sentidos, com a adquirida pelos sensores, permitiu às crianças produzir conhecimento e melhorar o uso dos sentidos e dos sensores (SILVA et al., 2013). Os sensores constituíram-se como mediadores epistêmicos, tendo permitido às crianças a realização de práticas epistêmicas com produção de conhecimento, como medir, registrar, interpretar e relacionar.

O tipo de estratégias, usado nos referidos projetos, vai para além da genderização da utilização das tecnologias, abre novos espaços de experiências tanto para rapazes como para raparigas. Visa ultrapassar os usos estereotipadamente genderizados, contribuindo desta forma para a construção, em interação com as pessoas, a tecnologia e o ambiente, de identidades que transcendem as categorias estereotipadas de género (CASSELL, 2002). As razões para tais potencialidades residem na natureza da tecnologia, das tarefas e da mediação. A tecnologia utilizada, sensores eletrónicos integrados em dispositivos móveis, não está marcada socialmente como feminina ou masculina, ao contrário do que acontece com os usos mais tradicionais das Tecnologias da Informação e da Comunicação, como a programação e a utilização de ferramentas computacionais em geral (LIE, 2003; SILVA, 2010). As tarefas realizadas pelas crianças nos referidos projetos consistiram na exploração corporizada do ambiente e na utilização dos sensores eletrónicos como extensão dos sentidos. Estudos anteriores mostraram o envolvimento e o sucesso de rapazes e raparigas em tais tarefas, sem prejuízo de alguns produtos e estratégias terem sido marcados pelo género (SILVA, GOMES et al., 2010). Complementarmente, a terceira componente que contribuiu para as potencialidades das atividades foi uma mediação docente, sem expectativas, marcada por estereótipos de género, que permitiu e promoveu a diversidade de estratégias investigativas e de expressão das crianças, na realização das tarefas.

### **QUEERIZAÇÃO CORPORIZADA DAS IDENTIDADES SEXUAIS E DAS PERFORMANCES DE GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLA**

O corpo, lugar e agente das sensações, perceções e interações com o mundo, não é o corpo ensinado na escola (ANSELL, 2009), não

é uma máquina, nem a justaposição de diagramas de sistemas fisiológicos em manuais de ciências naturais (ANSELL, 2009); é a única possibilidade de sentir, (inter)agir e conhecer, e só existe em permanente interação com o mundo mais que humano (para além da construção discursiva do que é ser humano). Da mesma forma, a escola, não só no ensino das ciências naturais, mas também na educação sexual, tem veiculado informação sobre sexo, sexualidade e género, que não encontra reflexo na diversidade de vivências e identidades das crianças e jovens (BAZZUL e SYKES, 2011; CARRERA et al., 2012).

A escola regula os movimentos corporais, nomeadamente através da organização do espaço, das rotinas pedidas às crianças nesse espaço, e, ainda, através das interações destas com professores/as e pares, sendo que a regulação do corpo visa também controlar a expressão das emoções das crianças (HARDEN, 2012). Assim, nas escolas, as emoções não são apenas corporizadas, são socialmente reguladas pelo controlo do corpo e das suas atividades no espaço, sendo este controlo genderizado, nomeadamente no que se refere às expressões de emoções e corporizações consideradas adequadas a rapazes e raparigas (HARDEN, 2012).

Nas escolas básicas, em Portugal, os corpos e as suas expressões são genderizados e genderizam os espaços escolares, não apenas na sala de aula, mas também fora dela, nomeadamente nos recreios (PEREIRA, 2009). Nos recreios, os rapazes geralmente dominam os espaços centrais com a prática de desporto, inibindo o desenvolvimento de tais práticas pelas raparigas (PEREIRA, 2009). As conversas e outras interações, assim como o espaço ocupado pelos grupos homosociais são fortemente marcadas pelo género e pela centralidade masculina (SILVA, GOMES et al., 2010). Por outro lado, constatam-se, nesses mesmos espaços escolares, situações de discriminação e *bullying* por questões de género e orientação sexual (FERREIRA, 2011; NOGUEIRA e OLIVEIRA, 2010).

Uma abordagem corporizada aos temas sexo, sexualidade e género no espaço escola, que promova a inclusão, contribuindo para ultrapassar desigualdades, discriminações e agressões, implica *queerizar*, incluir e valorizar, como diversidade, as diferenças/transgressões ao binarismo de sexo e género e à heteronormatividade. Só desta forma poderá existir, na escola, inclusão e equidade de todos os corpos, assim como das suas vivências, expressões e narrativas (BAZZUL e SYKES, 2011).

Neste sentido, a educação sexual pode ter um importante papel de educação para a diversidade, tornando-se uma educação sexual

corporizada e inclusiva, que considera a forma como as crianças e jovens se relacionam com os diversos espaços quotidianos e como neles inscrevem e constroem os próprios corpos e suas transformações de crescimento, em interação com as regulações sociais (SILVA e CARVALHO, 2014). Importa, por isso, considerar a complexidade das diferentes dimensões da identidade sexual, nomeadamente o sexo biológico, a identidade de género, os papéis de género e a orientação sexual (SHIVELY e DE CECCO, 1977), permitindo às crianças e jovens que as compreendam e integrem. É a compreensão da diversidade de cada uma destas componentes que permite equacionar e reconhecer a diversidade de identidades sexuais, criando assim a possibilidade de inclusão.

As quatro componentes das identidades sexuais podem ser consideradas contínuas, ou espectros, em detrimento das conceções binaristas, que transformam as diferenças em doenças, erros ou outros males. O sexo biológico já começa a ser reconhecido pelos biólogos como um espectro e não como algo binário (AINSWORTH, 2015), como anteriormente tinha acontecido, em sexologia, com a identidade de género (possibilidade de ambiguidade sexual), os papéis de género (espectros de masculinidade e de feminilidade) e a orientação sexual (espectros de heterossexualidade e homossexualidade (FAUSTO-STERLING, 1993; SHIVELY e DE CECCO, 1977). O referido reconhecimento vem validar biologicamente anteriores utopias psicossociais em que a ambiguidade e a diversidade são valores e não erros.

Podem, assim, criar-se pontes entre a educação sexual corporizada e a educação científica, oferecendo, a crianças e jovens, espaços de ligação entre o conhecimento e as vivências reais dos corpos, das sexualidades e das identidades.

## CONCLUSÃO

A investigação com base em abordagens corporizadas permite tornar visível como o espaço é o local onde a experiência humana e a consciência assumem forma material e espacial (LOW, 2003) e como o espaço corporizado também se torna sexuado e genderizado (BUTLER, 1986). Abordar o espaço numa perspetiva corporizada permite explorar as micro-geografias da vida do dia-a-dia em que o espaço corporizado é modificado e produzido nas inter-relações com as estruturas sociais.



Nos projetos referenciados neste artigo foi possível evidenciar as diversas potencialidades de abordagens corporizadas na investigação. No projeto ‘Sentindo a Paisagem’ (FERREIRA e SALVADOR, 2012; FERREIRA e SILVA, 2013; FERREIRA e SALVADOR, 2015; FERREIRA, 2013), que utilizou o mapeamento colaborativo de dados fisiológicos, emoções, experiências pessoais e representações, foi possível explorar e entender melhor de que forma as pessoas reagem aos espaços públicos onde circulam e que aspetos desses espaços públicos têm impacto positivo ou negativo nas suas representações. A abordagem corporizada das emoções utilizada neste projeto permitiu tornar visíveis as interações entre espaço e identidades, e produzir mapas colaborativos das emoções e percepções das pessoas que representam as relações de grupos específicos de pessoas com os espaços públicos.

Os projetos realizados no espaço escolar que utilizaram sensores eletrônicos como extensões dos sentidos, integrados em diversos tipos de dispositivos móveis, para explorar diferentes dimensões sensoriais (como sons, imagens, temperatura e humidade) dos espaços quotidianos das crianças, desde os espaços da escola, aos ambientes naturais e urbanos circundantes (SILVA, LOPES et al., 2010; SILVA et al., 2013), evidenciaram como o corpo é um lugar de compreensão, explicação e agência no ambiente. A tecnologia utilizada, sensores eletrônicos integrados em dispositivos móveis, não está marcada socialmente como feminina ou masculina, o que permite ir para além da genderização estereotipada da utilização das tecnologias e abre novos espaços de experiências tanto para rapazes como para raparigas.

Uma abordagem corporizada aos temas sexo, sexualidade e género no espaço escola (SILVA e CARVALHO, 2014) considera a forma como as crianças e jovens se relacionam com os diversos espaços quotidianos e como neles inscrevem e constroem os próprios corpos e suas transformações de crescimento, em interação com as regulações sociais. Numa reflexão mais teórica salientamos como *queerizar*, incluir e valorizar, como diversidade, as diferenças/transgressões ao binarismo de sexo e género e à heteronormatividade, permite às crianças e jovens que compreendam e integrem as diferentes dimensões da identidade sexual, nomeadamente o sexo biológico, a identidade de género, os papéis de género e a orientação sexual.

Na seleção dos diversos projetos referenciados neste artigo tivemos como objetivo salientar a importância e potencialidades de abordagens corporizadas na investigação, indo além do enfoque dominante na linguagem e outras produções do domínio do cognitivo.

Espaço e identidade interrelacionam-se na experiência corporizada que está na base da construção de narrativas, representações, memórias e expectativas. É no corpo que nos encontramos e construímos, e é na interface do corpo com o espaço que podemos estabelecer a relação com os/as outros/as e com os diversos ambientes/contextos em que nos vamos situando ao longo da vida.

## REFERÊNCIAS

AINSWORTH, Claire. Sex redefined. *Nature*, v. 518, News Feature, p. 288-291, 2015.

ANSELL, Nicola. Embodied learning: responding to AIDS in Lesotho's education sector. *Children's Geographies*, v. 7, n. 1, p. 21-36, 2009.

BAZZUL, Jesse; SYKES Heather. The secret identity of a biology textbook: straight and naturally sexed. *Cultural Studies of Science Education*, v. 6, n. 2, p. 265-286, 2011.

BUTLER, Judith. Sex and Gender in Simone de Beauvoir's Second Sex. *Yale French Studies*, n. 72, p. 35-49, 1986.

CARRERA, Maria Victoria; DEPALMA, Renée; LAMEIRAS, Fernández María. Sex/gender identity: moving beyond fixed and 'natural' categories. *Sexualities*, v. 15, n. 8, p. 995-1016, 2012.

CASELL, Justine. Genderizing HCI. In: JACKO, Julie A.; SEARS, Andrew (Orgs.). *The handbook of human-computer interaction*. Mahwah, NJ: Lawrence and Erlbaum, 2002. p. 402-411.

CERTEAU, Michel de. *The practice of everyday life*. Berkeley: University of California Press, 1984.

COLLS, Rachel; HÖRSCHELMANN, Kathrin. The geographies of children's and young people's bodies. *Children's Geographies*, v. 7, n. 1, p. 1-6, 2009.

CSORDAS, Thomas J. *Embodiment and experience*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

DAMÁSIO, António. *The feeling of what happens: body and emotion in the making of consciousness*. San Diego: Harcourt Brace, 1999.

DAMÁSIO, António. *Self comes to mind: constructing the conscious brain*. New York: Pantheon Books, 2010.

DAVIDSON, Joyce; BONDI, Liz; SMITH, Mick. *Emotional geographies*. Farnham: Ashgate, 2005.

FAUSTO-STERLING, Anne. The five sexes: why male and female are not enough. *The Sciences*, The New York Academy of Sciences, March/April, 1993, p. 20-25.

FERREIRA, Eduarda. Questões de género e orientação sexual em espaço escolar. In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto César Pinheiro da (Orgs.). *Espaço, género e poder: conectando fronteiras*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011. p. 43-55.

FERREIRA, Eduarda. Collaborative web mapping: creating layers of lesbian visibility. In: IV INTERNATIONAL MEETING IN CULTURAL GEOGRAPHY, GEOGRAPHICAL IMAGINATIONS, 2012, Braga: Universidade do Minho. *Atas da Conferência*. 2013, p. 54-73.

FERREIRA, Eduarda; SALVADOR, Regina. Sensing the landscape: collaborative emotion mapping in urban spaces. In: XIII COLÓQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFIA, 2012, Santiago de Compostela. *Atas da Conferência*. 2012, p. 5-27.

FERREIRA, Eduarda; SALVADOR, Regina. Lesbian collaborative web mapping: disrupting heteronormativity in Portugal. *Gender Place and Culture*, v. 22, n. 7, p. 954-970, 2015.

FERREIRA, Eduarda; SILVA, Maria João. Using sensors and the geospatial web to map bio-data. *Revista Sensos-e*, 0, Online journal, 2013. Disponível em: <<http://sensos-e.es.e.ipp.pt/?p=34122013>>.

GIACCARDI, Elisa; FOGLI, Daniela. Affective geographies: toward richer cartographic semantics for the geospatial web. In: *Proceedings of the International Conference on Advanced Visual Interfaces*, New York: ACM Press, 2008. p. 173-180.

HARDEN, Jeni. Good sitting, looking and listening: the regulation of young children's emotions in the classroom. *Children's Geographies*, v. 10, n. 1, p. 83-93, 2012.

IHDE, Don. *Bodies in technology*. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2002.

JAMES, William. *The principles of psychology*. New York: Dover Press, 1890.

JONES, Owain; WILLIAMS, Morris; FLEURIOT, Constance. A new sense of place? Mobile 'wearable' information and communications technology devices and the geographies of urban childhood. *Children's Geographies*, v. 1, n. 2, p. 165-180, 2003.

LIE, Merete. *He, she and it revisited: new perspectives on gender in the information society*. Oslo: Gyldendal Akademisk, 2003.

LOW, Setha M. Embodied space(s): anthropological theories of body, space and culture. *Space and Culture*, v. 6, n. 1, p. 9-18, 2003.

NOGUEIRA, Conceição; OLIVEIRA, João Manuel de (Orgs.). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Lisboa: CIG, 2010.

NOLD, Christian (Ed.). *Emotional cartography: technologies of the self*. London: e-Book, 2009. Disponível em: <<http://www.emotionalcartography.net/>>.

PEREIRA, Maria do Mar. Fazendo género na escola: uma análise performativa da negociação do género entre jovens. *ex æquo*, v. 20, p. 113-127, 2009.

PINTO, Teresa; NOGUEIRA, Conceição; VIEIRA, Cristina; SAAVEDRA, Luísa; SILVA, Maria João; SILVA, Paula; TAVARES, Teresa Cláudia; PRAZERES, Vasco. *Guião de Educação, Género e Cidadania - 3º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2010.

PROBOSCIS. Sound Scavenging Report. Proboscis, 2006.

ROGERS, Yvone; CONNELLY, Kay; HAZLEWOOD, William; TEDESCO, Lenore. Enhancing learning: a study of how mobile devices can facilitate sensemaking. *Personal and Ubiquitous Computing*, v. 14, n. 2, p. 111-124, 2010.

RUSSELL, James A.; BARRETT, Lisa Feldman. Editorial. *Emotion Review*, v. 1, n. 1, p. 2, 2009.

SHIVELY Michael G.; DE CECCO, John P. Components of sexual identity. *Journal of Homosexuality*, v. 3, n. 1, p. 41-48, 1977.

SILVA, Maria João. Género e tecnologias da informação e comunicação. In: PINTO, Teresa (Org.). *Guião de Educação, Género e Cidadania - 3º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2010, p. 115-120.

SILVA, Maria João; CARVALHO, Maria da Luz. Para uma educação sexual corporizada: análise situada na educação básica em Portugal. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p. 33-41, 2014.

SILVA, Maria João; GOMES, Cristina; LOPES, João Correia; MARCELINO, Maria José; GOUVEIA, Cristina; FONSECA, Alexandra; PESTANA, Bruno. Adding space and senses to mobile world exploration. In: DRUIN, Allison (Org.). *Mobile technology for children: designing for interacting and learning*. Amsterdam: Morgan Kaufmann, 2010, p. 147-169.

SILVA, Maria João; LOPES, João Correia; SILVA, Pedro Moreira da; MARCELINO, Maria José. *Sensing the schoolyard: using senses and sensors to assess georeferenced environmental dimensions*. In: Proceedings of ACM 1st International Conference and Exhibition on Computing for Geospatial Research & Application. Washington D.C., 21-23 June, 2010.

SILVA, Maria João; LOPES, Joaquim Bernardino; SILVA, António Alberto. Using senses and sensors in the environment to develop abstract thinking. *Problems of Education in the 21st Century*, v. 53, p. 99-119, 2013.

THRIFT, Nigel. *Non-representational theory*. New York: Routledge, 2008.

VALENTINE, Gill. Boundary crossings: transitions from childhood to adulthood. *Children's Geographies*, v. 1, n. 1, p. 37-52, 2003.

WOODYER, Tara. The body as research tool: embodied practice and children's geographies. *Children's Geographies*, v. 6, n. 4, p. 349-362, 2008.



REGGSILA

<https://reggsila.wordpress.com/>



Grupo de Estudos Territoriais

ISBN 978-85-62450-48-8



9 788562 450488